

Homilia da Missa com os “moradores de rua”¹

Dom Cláudio Hummes, Legado Pontifício

Meus irmãos e irmãs, quero saudar muito vocês que vieram a esta celebração, e de modo muito especial os mais pobres que aqui vieram em grande número, os quais nós queremos abraçar, pois são os mais sofridos da nossa sociedade. Saúdo também o senhor Arcebispo D. Alberto Taveira Corrêa, que está aqui conosco também celebrando; Dom Irineu, seu auxiliar, os demais bispos, os padres, os religiosos, religiosas, consagrados, consagradas, de modo muito especial também os diáconos, porque eles são ordenados para o serviço em primeiro lugar com os mais pobres, e muitos, muitos diáconos por este Brasil afora estão envolvidos, sim, no trabalho junto aos pobres. Nós queremos aqui lembrar todos os pobres do Brasil, porque este Congresso Eucarístico está representando toda a Igreja brasileira. Os Bispos que estão aqui estão representando todo o Brasil, e, juntos, nós, os Bispos, mesmo aqueles que não puderam vir, estamos de fato nestes dias pensando muito em como a Igreja deve ser presença hoje no Brasil; em quais são as coisas mais importantes que de nenhuma forma se podem deixar de lado. O papa Francisco sempre nos diz: “Uma Igreja missionária olha bem quais são as coisas mais importantes”. E isso é o que tem que ser feito. Depois, se ainda pudermos acrescentar as outras, vamos acrescentando. E o que é mais importante para a Igreja do que os pobres? É por isso que esta missa é também um momento forte deste Congresso, e com ela queremos dar força

¹ A presente homilia foi proferida no dia 17/08, às 10h30, na Catedral Metropolitana de Belém do Pará.

àqueles que estão trabalhando com os pobres, as CARITAS deste Brasil, as comunidades, especialmente as dedicadas aos mais pobres, as pastorais sociais, enfim, tantas forças... Os Vicentinos Antigos, que ainda hoje são uma força... (Eu não quero continuar citando porque eu vou esquecer alguns.) O fato é que há muito trabalho por este Brasil afora sendo feito, porque nós, a sociedade e a Igreja, temos uma dívida enorme para com os pobres. O Papa sempre nos lembra de que são milhões e milhões de pobres neste mundo, milhões e milhões de pessoas que gritam e que às vezes se cansam de fazê-lo porque não têm quem as escute. O Papa diz que a Igreja não pode deixar de ouvir o grito dos mais pobres. Não pode! Ela tem que dar prioridade a isso, e prioridade significa exatamente estar focado nesse grande desafio.

Aqui nós convidamos, de modo especial, os moradores de rua, tão excluídos, tão esquecidos muitas vezes, mas também há pessoas que se empenham em estar junto. É algo essencial que a Igreja não pode deixar de lado. É por isso que nós brasileiros agradecemos também aos organizadores deste Congresso, porque já no tema está escrito: “Eucaristia e partilha”. A Eucaristia é a mesa de Deus, a mesa do Senhor em que Ele distribui o Seu pão igualmente para todos que se sentam, e ninguém é maior nesta mesa, ninguém é mais importante, só o Senhor, que, no entanto, se faz nosso servidor. E, assim, Ele nos ensina a distribuir o pão pelo mundo e nos empenhar por essa distribuição do pão necessário, do pão material, para que ninguém passe fome e todos possam ter uma vida humana digna.

Jesus chegou a dizer na multiplicação dos pães aos apóstolos: “Dai vós mesmos de comer a eles, pois há muita gente faminta”. E isso continua valendo para nós. É por isso que o Papa diz que a Igreja tem que se envolver totalmente nessa luta, nesse desafio, contra a exclusão social, econômi-

ca, cultural e de toda espécie. A exclusão afasta pessoas, e a Igreja não pode permitir isso, ela tem que dar o exemplo para a sociedade de que todos têm que ser incluídos, todos têm que poder entrar e sentar-se à mesa igualmente. E à mesa não podem haver diferenças. A Igreja tem que estar aberta para que todos possam vir; todos que quiserem vir, venham. Diz o Papa que todos devem poder vir e entrar, porque esta é a casa do Pai. Só que o Pai encarregou a nós de fazer isso, nós não podemos culpar a Deus de fazer a pobreza. Não é Deus que faz os pobres, que determina que alguém seja pobre ou rico. Ele sim nos criou a todos, e, quando a Bíblia diz que Deus fez o rico e o pobre, refere-se à criação, ou seja, Ele criou tanto um como o outro, mas é a sociedade que faz com que alguns sejam mais ricos, e ricos de tal forma que não sabem nem mais o que têm e o que fazer com o que têm, porém continuam acumulando à custa daqueles que não têm. Então somos nós os responsáveis, Deus entregou a nós essa responsabilidade de organizar a sociedade de tal forma que ninguém seja pobre ou excluído, mas que todos tenham oportunidades iguais. É claro que isso é sempre um caminho que nunca será perfeito, porém não podemos deixar de avançar e sempre retomar essa questão, e a Igreja tem que se envolver nisso e ajudar a sociedade a tomar consciência.

Assim, é uma questão muito importante e forte que nós, aqui neste Congresso, também temos que olhar de frente e poder melhorar esta distribuição dos bens da Terra entre todos, para que todos tenham o suficiente para viver com dignidade. É por isso que eu digo que o Congresso pensou nisso, pois o tema é Eucaristia e partilha. A Eucaristia nos ensina a partilhar essa mesa, Deus diz: “Essa é a minha mesa, todos são convidados e todos devem vir e aceitar o convite”. É claro que alguém pode até se recusar de sentar à mesa, mas isso é

problema dele; porém, todos devem estar convidados e possibilitados de vir e sentar a essa mesa, para que aprendam a partilhar também em nossa mesa. E Jesus, em certo momento, diz: “Nisto conhecerão que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros como eu os amei”. E Ele nos amou até o fim, até dar a Sua vida por nós. Nós só seremos discípulos reconhecidos pelo mundo como tais se formos capazes dessa caridade, dessa misericórdia, dessa justiça social, então, sim, seremos reconhecidos como discípulos de Jesus Cristo. E é por isso que digo que queremos celebrar esta missa de hoje com muito carinho e muito louvor a Deus, para agradecê-Lo, porque Ele não nos falta nem faltará. Mas Ele encarregou a nós de fazer a distribuição. Nós não podemos culpar a Deus, visto que Ele está nos dizendo o que devemos fazer para ajudar aos pobres, que são os Seus mais queridos. Foi Jesus quem disse isso, que os pobres são os mais queridos de Deus, porque Ele sabe que eles são vítimas de toda uma injustiça, de toda uma situação. Então Ele não vai faltar a eles e não vai deixar de encorajá-los. E o papa Francisco diz que, apesar de tudo isso, apesar de todo o sofrimento, é preciso nunca deixar de sonhar que é possível, sim, levantar, fazer esforço e todos nós juntos progredirmos nessa questão de incluir e vencer a miséria e a pobreza. É necessário não deixar de sonhar. A Igreja no Brasil também não pode deixar de sonhar junto com vocês, mas para sonhar junto temos que nos encontrar, nos sentar juntos, sentir o que é que o pobre sente, quais são as dores dele e os seus sonhos. O Papa diz que não devemos ir somente acolher aqueles que vêm pedir alguma coisa, mas nós temos que ir lá junto a eles. Temos que encurtar a distância, nós é que temos que ir aonde estão os mais pobres e nos sentar juntos. É por aí que começa todo esse desafio que o Papa nos lança.

Aqui na Amazônia também há muita pobreza e, entre esses pobres, há os indígenas. Eu sempre digo que não podemos deixar de lembrá-los, pois eles foram espoliados de tudo, foi-lhes tirado tudo, a terra, a dignidade, a cultura, o futuro... tudo. Nós temos uma dívida imensa para com eles. Algumas coisas já foram feitas, sim, houve demarcação da terra, reservas etc., mas é imenso ainda o caminho a ser feito para que eles possam voltar a ser sujeitos, protagonistas da sua própria história, do seu próprio futuro. Isso tudo faz parte desse grande desafio. E poderíamos continuar falando sobre isso, mas eu queria apenas dizer a vocês que, se nós programamos esta missa, se o Congresso quis lembrar à Igreja toda do Brasil e também à sociedade brasileira que é preciso partilhar, Eucaristia e partilha, isso é porque nós sentimos que ainda estamos longe de fazer aquilo que Deus nos pede e espera de nós. Ele nos entregou, e no final dos tempos Ele vai de fato conosco conferir como nós vimos no Evangelho. Ele dirá: “Bem, eu dei-vos essa responsabilidade, e como a cumpristes? De dar de comer a quem tem fome, beber a quem não tem água, casa a quem não a tem, infraestrutura sanitária onde não há, emprego a quem não trabalha... Como é que foi isso? Como vos empenhastes nisso?”. Nós seremos julgados pelo amor que tivemos por essa causa. Nós temos que entrar nessa causa com amor, com carinho, com alegria, mas também com garra.

Então eu quero dizer a vocês todos que se dedicam aos pobres, vocês que estão mais perto, ajudem a Igreja a não deixar de pôr no centro de sua vida os pobres. E que a Igreja possa ajudar a sociedade a rever os seus métodos, os seus processos, as suas estruturas. Nós temos que avançar nesse caminho. Isso é a prática de misericórdia de que nos fala o Papa neste Ano Santo da Misericórdia. Deus é misericórdio-

so conosco, pois nos perdoa, nos abraça, nos consola, mas diz: “Vós também tendes que fazer isto, sobretudo com os mais sofridos, excluídos, abandonados, esquecidos”. Assim, vamos rezar por tudo isso.

Gostaríamos de dar um abraço em cada um de vocês hoje, o que não será possível, mas sobretudo transmitir a vocês um abraço do Papa. Se há um homem neste mundo hoje que tem isso fortemente no centro da sua preocupação, do seu trabalho, é o papa Francisco. E é claro que muitos outros também, mas ele está nos mostrando esse caminho. Que sejamos misericordiosos, assim como Deus é misericordioso conosco. Amém.

